

Cordel e meio ambiente na percepção dos poetas populares. Uma leitura sociológica

*Anna Christina Farias de Carvalho*¹

Resumo: A temática escolhida para nosso artigo Cordel e Meio Ambiente na Percepção de Poetas Clássicos e Contemporâneos, procura contri-buir para a discussão da degradação / preservação do planeta, através da literatura de cordel brasileira. Nesse contexto, objetivamos identificar na literatura cordeliana brasileira, especialmente a nordestina, alguns autores e textos clássicos e contemporâneos que contribuíram e con-tribuem para socializar, analisar e denunciar temas ligados à Natureza e o Meio Ambiente. Clássicos e contemporâneos como designamos os autores, os folhetos que compõem nosso *corpus*, nos mostram a inquietação de seus autores com o destino do homem, da flora e fauna, enfim, com a qualidade de vida de nosso Planeta e para tanto usam a estratégia da denúncia e reflexão em suas rimas, sendo de expressiva importância para a socialização de uma situação de calamidade planetária. Nesse contexto, procuramos refletir sobre as percepções sociais denunciadas nos folhetos como fonte para traduzir e discutir as representações da Natureza e do Meio Ambiente através da perspectiva Ecocrítica. Concluímos que o relato nas rimas das narrativas dos poetas cordelistas sobressai uma preocupação com o sertanejo e sua qualidade de vida, associadas que estão aos elementos ambientais como o solo, a vegetação, clima, fauna e flora.

Professora Aposentada da Universidade Regional do Cariri, Brasil. Suas publicações recen-tes incluem *Catálogo e Clichês da Lira Nordestina* e a coedição da *Antologia de Cordel e Meio Ambiente*.

E mail: <anna.carvalho@urca.br>.

Palavras-Chave: Cordel. Meio Ambiente. Ecocrítica.

Cordel and environment according to pop culture poets. A sociological perspective

Abstract: The present paper discusses the contribution of some classic and contemporary *cordelistas*, men and women to socialize, analyze and denounce environment destruction. They use strategies of denunciation through their rhymes. In the rhymes, their narratives highlights concerns related to their own experience to the elements of their environment such as soil, vegetation, climate, fauna and flora. This fact is extremely relevant for the socialization of the information and situations related to natural calamities in planetary scale. In this context, I correlate the sociological perspective to the analyses of the leaflets and show how the poets succeed in elaborating their eco-critic perspectives.

Keywords: Cordel. Environment. Ecocritics.

Introdução

A questão ambiental, por sua magna importância, vem despertando reflexões nas mais diversas camadas sociais: artistas, intelectuais, estudantes, empresários, governos, entre outros, tem procurado alertar a população planetária sobre a mudança de comportamento e consumo em nossa sociedade capitalista. Os vários encontros internacionais, que marcadamente, desde a década de 1990 vem contribuindo para alertar sobre o problema da degradação ambiental, necessita ser amplamente discutido com todos os segmentos sociais, especialmente em universidades e escolas, associações comunitárias e organizações não-governamentais, comunidades ditas periféricas, ou seja, a população em geral, que muitas vezes

Cordel e meio ambiente na percepção dos poetas populares, Anna Christina F. de Carvalho

não têm acesso ou não estão devidamente sensibilizadas para a seriedade do problema, de ordem globalizante.

Até o fechamento deste texto, para citar um fato extremamente grave e na contramão da História, fomos surpreendidos com a declaração do presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, dia 01 de maio do corrente, sobre a saída de seu país do Acordo de Paris (2015) acerca de mudanças climáticas, sob a alegação de que o atual documento traria desvantagens para os EUA, beneficiando outros países, indicando uma clara inversão de valores, quando sabemos que o problema não só atinge os Estados Unidos da América, mas sim o Planeta Terra.

Entretanto, tal atitude oriunda do País que mais polui e degrada o planeta e de um presidente cuja fortuna vem dessa degradação, não deveria nos surpreender. Até porque tendo em vista a gravidade da situação, entendemos que a questão ainda não está sendo devidamente discutida e nem sua magnitude analisada de forma mais extemporânea e ampla.

Nesse ponto, chegamos ao âmago do objetivo de nosso texto, contribuir para a reflexão sobre a atuação dos cordelistas, clássicos e contemporâneos, através da literatura de cordel brasileira, com um dos mais discutidos temas da atualidade que é a questão ambiental. Nesse contexto, objetivamos identificar na literatura cordeliana brasileira, especialmente a nordestina, autores que escreveram suas rimas com a finalidade de denunciar temas ligados à degradação e também à preservação da Natureza e do Meio Ambiente.

Entendemos que por ser uma literatura de apelo popular e disseminada no Brasil, especialmente no Nordeste e nas comunidades nordestinas pelo Brasil afora, o cordel consegue alcançar uma grande parte da população, o que provavelmente poderá estimular crianças, jovens e adultos a entenderem de forma clara o problema e que podem contribuir de forma efetiva, utilizando-se de estratégias cotidianas simples, para a promoção da preservação da vida de qualidade no planeta.

Estas reflexões foram desenvolvidas em minha pesquisa de pós-doutorado em Letras, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), intitulada Reflexões acerca das Representações Textuais da Natureza e do Meio Ambiente na Literatura de Cordel através da Perspectiva Ecocrítica, sob a orientação da Profa. Dra. Zélia Monteiro Bora. A partir deste trabalho de pesquisa, publicamos juntamente com a

Dra. Zélia e o Prof. Mestre Adaylson Wagner da UFPB a *Antologia Cordel e Meio Ambiente*.

Nesse artigo, objetivamos refletir sobre as representações dos autores de folhetos de cordel, ao longo da década de 1920, até primeira década do Século XXI, através das representações que esses poetas, denominados de populares, utilizam-se dos fatos do cotidiano para narrar e reinterpretar temáticas recorrentes, como depredação da natureza, catástrofes naturais ou não, através dos folhetos de cordel, com a finalidade de fazer uma análise textual, através da perspectiva da Ecocrítica, utilizando-se de cordéis sobre o tema.

Essa importante fonte oral e de registro impresso das experiências, dos saberes e das práticas sociais tem lugar como centro de produção e difusão dos folhetos rimados, a Tipografia São Francisco, em Juazeiro do Norte (atualmente denominada Lira Nordestina - Ponto de Cultura do Brasil), e berço de um dos mais expressivos representantes dessa arte – Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido como Patativa do Assaré.

O cordel, antes do surgimento do rádio, era importante fonte de comunicação no interior do país, sobretudo através das feiras semanais, onde os acontecimentos, em forma de rimas, eram anunciados oralmente, sob a forma de versos falados ou de cantoria.

Na década de 1980, houve um declínio na produção e no consumo da literatura de cordel, e muitas editoras fecharam devido ao retorno econômico insignificante e à massificação/popularização da televisão. No final da década de 1990, a literatura de cordel ressurgiu, a partir da revalorização da cultura popular, através de incentivos estatais, trabalhos acadêmicos e da difusão nos veículos de comunicação, que apontavam o cordel como um produto de valor comercial/artesanal, com a valorização do patrimônio imaterial.

Como referido anteriormente, fatos históricos e sociais, como preconceito, consciência ambiental, questões políticas, desastres ambientais, morte de figuras públicas, guerras e outros tantos fatos sociais que caracterizam o mundo moderno, são discutidos, satirizados, criticados ou comentados pela literatura de cordel, o que nos sugere que esse gênero literário tornou-se um patrimônio histórico e cultural do povo nordestino e, por extensão, do povo brasileiro. Nesse sentido, a literatura de cordel é um importante recurso para discutir a diversidade cultural do país. A moder-

nidade e a atualidade dos folhetos persistem até hoje, apesar de suas várias “mortes anunciadas”.

Numerosos no passado, na atualidade, também em grande número, os cordelistas ou poetas populares buscam outras formas e meios de comunicação como a publicidade (COSTA; TORRES, 2010), a internet, histórias em quadrinhos, entre outras formas de composição e sobrevivência para a poesia cordelística.

Em relação ao cordel tradicional, apesar de suas técnicas acompanha-rem a modernidade, com máquinas offset e capas com xilogravura² ou de-senhos coloridos, por exemplo, os valores acumulados pelos artesãos são transmitidos de geração a geração e assumem um estilo próprio que só faz enriquecer o legado desse conhecimento e técnica cultural. Afinal, em pleno Século XXI, persiste a construção de símbolos, linguagens e práticas, que trazem à tona formas de pensar e objetos culturais como as manifestações religiosas e profanas populares, as emboladas, o conto popular, as histórias fantásticas, as adivinhações, entre outros. Um dos principais veiculadores desses aspectos culturais é o cordel.

O que foi exposto até agora sobre a permanência, como manifestação cultural e importante influência na identidade cultural de um povo, o cor-del, longe de sua “morte anunciada”, revigora-se, cada vez mais, através de novos suportes e formas de socialização, como a internet e os “Cordelistas Mauditos”,³ com nova perspectiva de cosmovisão acerca do cordel e sua inserção na sociedade “em rede”, como diria Manuel Castells (1999).

Um elemento importante, a capa do folheto, exibia fotografias de artistas de filmes de Hollywood e desenhos duplicados através de clichês que geralmente se harmonizavam com o conteúdo das histórias no interior dos folhetos tornando a obra mais atrativa para o público consumidor. Foi José Bernardo da Silva quem incentivou a ilustração das capas dos folhetos com xilogravura na Tipografia São Francisco, de custo mais baixo que os clichês de metal, tradicionalmente confeccionados em Recife-Pernambuco, Brasil.

A Sociedade dos Cordelistas Mauditos (com o mesmo), sediada em Juazeiro do Norte – Ce-ará – Brasil, criada em 2000, proclama: “Não estamos interessados em resgatar um passado opressor e discriminador, ao contrário, somos a ruptura deste passado onde o cordel esteve situado e foi palco de grandes sagas e pedaços da história, vista através das lentes dos poetas que em muitos casos reforçavam uma memória dominante reacionária.” Disponível em: <http://www.abarata.com.br/Manifestos_Detalhe.asp?Codigo=1443>. Acesso em: 20 mar. 2010.

Metodologia e fontes de pesquisa

Ao indicar as Representações e a Ecocrítica como bases conceituais, temos em vista duas problemáticas: analisar quais as representações que a literatura de cordel faz da Natureza e do Meio Ambiente e discutir como essas representações são evidenciadas através da Ecocrítica. Sobre esse aspecto, Almeida afirma (2008, p. 10):

Outro ponto a ser abordado será o olhar humano para o meio ambiente, ou seja, como a literatura revela o olhar romântico ou a idealização da natureza e como ela é evidenciada sob o olhar realista, como o homem mostra a natureza e a condição humana na relação com ela. Veremos como a Ecocrítica observa a fuga romântica e como o olhar realista ver o meio ambiente. Não é apenas realismo literário o que se pretende mostrar, mas a realidade ambiental atual, perante o ideal de antes.

Nesse sentido, estamos sugerindo que é preciso considerar as significações que são produzidas textualmente em comparação com uma realidade crítica. A par da problemática do conceito de representações e suas variadas críticas e conotações conceituais, estamos utilizando, neste trabalho, a concepção de Chartier (1990, p. 17), segundo o qual se deve “identificar o modo como, em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.”

Etimologicamente, o termo Ecocrítica refere que a “análise ecocrítica de um texto pretende de certa forma, dar voz a uma coisa silenciada – a natureza e o mundo exterior.” Nasce da junção das palavras Ecologia e Crítica, referida, primeiramente, por William Rueckert (1978) a partir da aproximação da Ecologia aos textos literários. (CEIA, 2014, p. 2).

A literatura abre um mar de possibilidades de enxergar e entender o mundo, nesse sentido, a perspectiva ecocrítica é uma das várias possibilidades de leitura, quando procuramos analisar as relações dos seres humanos com a Natureza e o Meio Ambiente através do viés literário. A discussão, sob a visão da Ecocrítica, está relacionada à mudança de paradigma em relação a uma nova ética acerca da Natureza e do Meio Ambiente. O conceito de ecocrítica é descrito por Glotfelty (1996 apud GARRARD, 2006, p. 14):

O que é ecocrítica então? Dito em termos simples, a ecocrítica é o estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim

como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrados na Terra.

A Teoria Ecocrítica, então, analisa a relação entre a literatura e o meio ambiente com uma interface específica que são as relações que se estabelecem entre o homem e o meio ambiente a partir de uma perspectiva ecocêntrica no texto literário, apontando a esfera e o contexto da escrita e sua recepção.

De acordo com Abreu (2004), a nominata literatura de cordel, utilizada para designar esse gênero literário, não era expressão usada nem reconhecida pelos autores e leitores de cordel no Nordeste, que usavam o nome folhetos. A expressão literatura de cordel emerge a partir dos estudos acadêmicos produzidos a partir da década de 1970.

Teoricamente falando, nosso artigo remete a um conceito de cultura – o da circularidade cultural, que nos direciona para os trabalhos de Bakhtin (1987) e Ginzburg (1986).

Em primeiro lugar, vamos delimitar, em nosso entendimento, o conceito de cultura como um conjunto de práticas, crenças, atitudes, discursos e normas de comportamento próprios das classes subalternas, num dado momento histórico. Em segundo lugar, admitir dois níveis culturais – o dominante e o subalterno. Em terceiro lugar, descartar a hipótese da assimilação direta da cultura dominante pela subalterna e, por último, procurar entender as formas diferentes, os enfrentamentos, ou seja, as tensões entre os dois níveis culturais. Assim, temos o conceito de circularidade cultural.

A concepção do conceito de circularidade cultural proposto por Ginzburg (1986) especialmente em seu livro “*O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*” foi inspirada na obra de Bakhtin (1987) autor de “A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais”, onde é analisada a imbricação da cultura popular na obra do literato francês e identificada a dinâmica cultural, através da assimilação de aspectos da cultura popular por um representante da cultura erudita.

A par dessa interação cultural, Ginzburg aprofundou a análise acerca da dinâmica recíproca e contínua que influencia os diferentes níveis culturais. Nesse sentido, o moleiro Menocchio representa a dinâmica da circularidade cultural que tendo acesso aos escritos da cultura letrada, adaptou suas leituras às experiências e às vivências cotidianas de uma comunidade camponesa. Assim, Ginzburg promoveu a visibilidade da resistência da cultura subalterna e a circularidade entre as classes dominantes e populares. (CARVALHO; SOUSA, 2016).

Nesse contexto, enquanto elementos da cultura popular, os folhetos de cordel dialogam historicamente e socialmente em variados aspectos com a cultura erudita, envolvendo a discussão e análise de uma gama de aspectos sociais, políticos e culturais.

Em nossa pesquisa exploratória nos utilizamos das técnicas bibliográfica, eletrônica e consulta direta a alguns cordelistas e parte de seus escritos, notadamente os referentes ao Meio Ambiente.

Conforme referido, a metodologia utilizada foi, basicamente, pesquisa bibliográfica, pesquisa eletrônica e consulta ao acervo da Cordelteca Leandro Gomes de Barros do Ponto de Cultura e Gráfica Lira Nordestina, implantada por mim e bolsistas da Extensão da Universidade Regional do Cariri (URCA). Neste artigo, analisamos textos de 10 autores clássicos e 10 autores contemporâneos, definidos a partir do acervo referido. Nossa meta é divulgar, incentivar e formar novos leitores, como recurso didático e lúdico no conhecimento dos saberes regionais, por meio da socialização da pesquisa.

Cordel e meio ambiente: o corpus e sua análise textual

Para estudar todos esses elementos da natureza a partir do enfoque delimitado, listamos abaixo o corpus do conteúdo deste trabalho, a partir da identificação de como os textos cordelianos se relacionavam com os processos de construção da identidade cultural da região, verificando as contribuições da literatura de cordel para a preservação e conscientização do Meio Ambiente. Os vinte títulos abaixo especificados fazem parte do acervo da Cordelteca Leandro Gomes de Barros, são exemplos das narrativas identificadas com nosso objeto de reflexão nesse artigo.

Quadro 1 - Os textos clássicos

Títulos	Autores
Suspiros de um Sertanejo	Leandro Gomes de Barros
A seca do Ceará	Leandro Gomes de Barros
A Triste Partida	Patativa do Assaré
ABC do Nordeste Flagelado	Patativa do Assaré
A emigração e as consequências	Patativa do Assaré
A Terra é uma nave e você o passageiro	Abraão Batista
O clamor do meio ambiente	Abraão Batista
Epopeia das secas	Raimundo Santa Helena
A seca de 77 de outro século passado	Benedito Antônio de Matos
Salvem a fauna! salvem a flora! Salvem as águas do Brasil!	Manoel Monteiro

Fonte: elaborada pela autora.

Quadro 2 -Os textos contemporâneos

Títulos	Autores
Grito Ecológico	Bastinha Job
Milagre da água	Pedro Bandeira
Pela vida do planeta	José Ribamar Alves
Suspenda a mão, não devaste a floresta	João Bandeira
Área de proteção ambiental do Araripe	William Brito
Chico Mendes	Francisco Rodrigues Cordeiro
A importância da água	Wellington Costa
Em defesa do rio São Francisco	Geraldo Moreira de Lacerda (Poeta Maranhão)
Retiramos do Planeta mais do que ele pode dar	Nezite Alencar
Deus perdoa sempre, o homem, às vezes e a natureza nunca	Rosário Lustosa

Fonte: elaborada pela autora.

A atuação e produção literária na temática Meio Ambiente é expressiva e inicia-se desde o final do século XIX, no Brasil. A partir das intempéries das mudanças climáticas do meio ambiente devido a causas naturais como é bem percebido por Leandro Gomes de Barros em seu cordel “A seca do Ceará” e com Patativa do Assaré em narrativas como “A Triste Partida”; “ABC do Nordeste Flagelado”, “A emigração e suas consequências”, podemos inferir que os textos cordelianos mais clássicos, como os referidos, trazem à tona reflexões dos desastres naturais e das lacunas do Estado como catalisadores do sofrimento do homem e do meio ambiente.

Em Leandro Gomes de Barros (2014, p. 1-8) é narrado o sofrimento de homens e animais, e já aparece a crítica ao Estado, sua condição de ausente, a corrupção, exemplificadas nos trechos abaixo do cordel “A Seca do Ceará”:

Seca a terra, as folhas caem
Morrem o gado, sai o povo
O vento varre a campina
Rebenta a seca de novo
Cinco, seis mil emigrantes
Flagelados retirantes
Vagam mendigando o pão
Acabam-se os animais
Ficando limpo os currais
Onde houve a criação.
[...]

Alguém no Rio de Janeiro
Deu dinheiro e remeteu
Porém não sei o que houve
Que cá não apareceu
O dinheiro é tão sabido
Que quis ficar escondido
Nos cofres dos potentados
Ignora-se esse meio
Eu penso que ele achou feio
Os bolsos dos flagelados
[...]

Patativa insere uma narrativa mais direta e crítica, onde o lugar do nordestino, especialmente o sertanejo e seu bioma caatinga é evidenciado no meio ambiente e na sociedade. Esse, não é só alijado de seus direitos básicos como terra, água e pão, são ainda atormentados pela falta de interesse das classes dominantes em relação aos seus problemas cotidianos, sofrendo ainda, as intempéries da Natureza que destrói com as secas as plantações, os homens e os animais. A permanência ou saída de seu espaço, sempre gera sofrimento, humilhações, morte e especialmente a indiferença das autoridades e dos poderosos, como narrado no cordel “A emigração e suas consequências”. Eis trechos do “ABC do Flagelado” (2005, p. 121-127):

Ai como é duro viver
Nos estados do Nordeste
Quando o nosso Pai Celeste
Não manda a nuvem chover,
bem triste a gente ver
Findar o mês de
janeiro Depois findar
fevereiro E março
também passar Sem o
inverno começar No
Nordeste brasileiro [...]

T- Tudo sofre e não resiste
Este fardo tão pesado,
No Nordeste flagelado
Em tudo a tristeza existe,
Mas a tristeza mais triste
Que faz tudo entristecer
a mãe, chorosa a gemer
Lágrimas dos olhos correndo,
Vendo seu filho dizendo:
Mamãe, eu quero comer!

Esses dois expoentes da literatura brasileira de cordel e suas narrativas sobre a Natureza e o Meio Ambiente, por si só, já justificaria uma Antologia de Cordel e Meio Ambiente, entretanto, vamos expandir ainda mais

nosso corpus discursivo, com outros poetas que enriquecerão ainda mais nosso texto, com suas contribuições mais centradas nas ações dos homens na degradação de nosso Planeta.

A partir da década de 1970 começa a aparecer cordéis que nos permite refletir com maior ênfase a degradação da Natureza pelo homem, especialmente com a introdução da palavra Ecologia em suas narrativas. De acordo com Nogueira (2012, p. 2-3):

A partir de finais da década de 70 do século XX, e, sobretudo, nos últimos dez anos, apareceram folhetos que nos permitem falar, ainda com mais rigor, do ciclo «natureza e ecologia» («natureza e ambiente» ou só «ecologia») na literatura de cordel brasileira, e acrescentá-lo às classificações de autores como Leonardo Mota, Cavalcanti Proença, Orígenes Lessa ou Ariano Suassuna.

Dessa forma, ciente dos ciclos temáticos da Literatura de Cordel, sempre problemáticos e conflituosos, nosso trabalho usará um divisor mais geral entre os autores que tratam da Natureza o do Meio Ambiente. Os clássicos, tendo como enfoque as catástrofes naturais como potencializador da degradação ambiental e os contemporâneos, que centralizam a problemática no homem como catalisador dos problemas ambientais. Evidentemente, toda tentativa de classificação é naturalmente excludente e reflete a visão de seu elaborador, a nossa não é diferente e servirá apenas para compor uma divisão acadêmica para melhor compreensão de nossa proposta.

Exemplificamos a seguir alguns trechos de cordéis contemporâneos que explicitam como as ações humanas subjazem às dimensões nesse espaço narrativo:

O Homem e a Natureza de Rosário Lustosa (2003, p. 1-8)
(Deus perdoa sempre, o homem, às vezes e a natureza nunca)
Na asa da inspiração
Agora vou embarcar
Rogando a luz maior
Para me iluminar
Pesquisei a ECOLOGIA
sobre o que vou
falar [...]

Retiramos do Planeta Mais do Que Ele Pode os Dar de Nezite Alencar
(2006, p. 1-8).0

Outros poetas falaram
do tema que vou tratar
mas não faz mal repetir
nunca é demais avisar:
retiramos do planeta
mais do que ele pode dar.
[...]

Desde o tempo de Cabral
derrubamos sem parar
quase quarenta por cento
chegamos a desmatar
retirando do planeta
mais do que ele pode dar.
[...]

A ambição nos garimpos
levou o homem a jogar
mercúrio dentro dos rios
para a água envenenar
sempre exigindo da terra
mais do que ela pode dar.
[...]

Agressão à natureza
pode com a vida acabar
a revanche de micróbios
já anda solta no ar
por tirarmos do planeta
mais do que ele pode dar.
[...]

“A Terra é uma nave e você o passageiro” de Abraão Batista (1996), em
sua primeira estrofe identifica a Ciência em que se baseia o cordel:

Sobre a Ecologia
permita-me descrever
dizendo como ela é
se é ciência para valer
para que você, na terra,
possa ela merecer. [...]
[...] Ensine pros seus filhos
Não matar os passarinhos
Nem tornar-se assassinos
Doutros seres e bichinhos
Vê: todos são criaturas
Criadas sob carinho [...]

Bastinha Job já aponta no título do cordel “Grito Ecológico” sua preocupação e sua crítica em relação à questão ambiental, deixando clara a interdependência entre homem/natureza.

Podemos observar nos trechos dos cordéis acima, uma preocupação não só com a preservação do Planeta, mas também em apontar uma redefinição da relação entre o homem e o Meio Ambiente, contribuindo dessa forma para reforçar o paradigma cultural e social que coloca o homem no meio das ações de preservação do Planeta. Há uma transcendência latente na narrativa poética desses cordelistas que procuram contribuir com uma nova condição humana de não predador e sim redentor de sua própria existência.

Nesse contexto, na era da comunicação globalizada, o cordel ainda constitui um veículo de comunicação e formador de opinião, construindo e reconstruindo discursos e narrativas que atingem o público dos segmentos sociais mais populares, registrando e refletindo, através de uma linguagem simples e objetiva, os mais variados fatos sociais, incluindo, inclusive, a transmissão de informações científicas relacionadas à preservação e sustentabilidade do planeta.

As temáticas abordadas nos folhetos do corpus da análise apontam os problemas cotidianos dos sujeitos a partir da discussão do local, do regional e do global. As construções e reflexões temáticas estão relacio-

nadas a um espaço que interage com a vida dos animais humanos, dos animais não humanos, das plantas, das águas e do ar. Tudo inter-relacionado com a proposta de preservação da natureza e de crítica ao desequilíbrio ecológico.

Considerações finais

Nesse sentido, clássicos ou contemporâneos, como aqui designamos os autores, os folhetos que compõem nosso artigo, nos mostra a inquietação com o destino do homem, da flora e fauna, enfim, com a qualidade de vida de nosso Planeta e para tanto, usam a estratégia da denúncia em suas rimas, sendo de vital e expressiva importância para a socialização de uma situação de calamidade planetária. Nesse contexto, ao objetivarmos refletir sobre as representações sociais plasmadas nos folhetos como fonte para traduzir e discutir as representações da Natureza e do Meio Ambiente através visão Ecocrítica, concluímos que nos relatos através das rimas das narrativas dos poetas cordelistas sobressai uma preocupação com o sertanejo e sua qualidade de vida, associadas que estão aos elementos ambientais como o solo, a vegetação, clima, fauna e flora.

Marcadamente nos cordéis clássicos, as causas naturais são os aspectos mais apontados pela degradação do meio ambiente, sem, no entanto, o homem ser citado como o principal causador de destruição. Nos cordéis contemporâneos, o homem é o centro causador do desequilíbrio e depredação do meio ambiente.

Do ponto de vista do entendimento de grande parte da população, os cordéis por sua linguagem coloquial, é mais abrangente na socialização dos temas. Os discursos das narrativas materializam o pensamento dos autores e procuram narrar fatos atualizados, sem, contudo, não levar informações errôneas aos leitores. Há também a indicação em alguns cordéis de que o homem pode ser o redentor de sua própria depredação.

Por fim, concluímos que o cordel contemporâneo procura, no processo de abordagem da temática em questão, transmitir conhecimento utilizando uma linguagem simples mais científica, ampliando seu papel social de poeta a poeta educador.

Referências

- ABREU, Márcia. ENTÃO SE FORMA A HISTÓRIA BONITA” – RELAÇÕES ENTRE FOLHETOS DE CORDEL E LITERATURA ERUDITA. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 199-218, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v10n22/22701.pdf>>.
- ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de. *Literatura e meio ambiente: vidas secas, de Graciliano Ramos, e bichos, de Miguel Torga, numa perspectiva ecocrítica*. 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, 2008.
- BAKTHIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, São Paulo: HUCITEC, 1987.
- BATISTA, Abraão. *A terra é uma nave e você o passageiro*. Juazeiro do Norte, CE: [s. n.], 1996.
- BORA, Zélia Monteiro; CARVALHO, Anna Christina Farias de; VASCONCELOS, Adaylson Wagner Sousa de. *Antologia cordel e meio ambiente*. João Pessoa: Ed. UFPB: CCTA, 2015. (Pós-Letras).
- BARROS, Leandro Gomes de. *A seca do Ceará*. Disponível em:< [http:// www.ablc.com.br/a-seca-do-ceara/](http://www.ablc.com.br/a-seca-do-ceara/)>
- CARVALHO, Anna Christina Farias de; SOUSA, Océlio Teixeira de. Religiosidade popular: tensões e circularidades. In: CARVALHO, Anna Christina Farias de; SOUSA, Océlio Teixeira de (Org.). *Coletânea aspectos do campo religioso caririense: pesquisas (1998-2008)*. Recife: Imprima, 2016.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 1.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- CEIA, Carlos. *E-dicionário de termos literários*. Disponível em: http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=1597&Itemid=2> . Acesso em: 10 out. 2014.
- COSTA, Marcos Vasconcelos; TORRES, Geciola Fonseca. *A apropriação do cordel pela publicidade: um estudo de folkcomunicação*. Disponível em: < http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/0/07/GT1-001-A_apropriacao_do_cordel-Marcos.pdf> Acesso em: 10 out. 2014
- GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Brasília, DF: UnB, 2006.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*, 1986.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. Das classificações temáticas da literatura de cordel: uma querela inútil. *Rev. de Letras*, Fortaleza, v. 13, n. 1-2, p. 41-53, jan./dez. 1988. Disponível em: < <http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/19573/30238> > Acesso em: 10 maio 2015.

NOGUEIRA, Carlos. O ciclo «natureza e ecologia» na literatura de cordel brasileira, *Caravelle*, v. 98, p. 185-2001, 2012. Disponível em: < <http://caravelle.revues.org/1241> >. Acesso em: 31 jul. 2015.